David H. Stern - Hb 6.4-6

- Imprimir

Categoria: David H. Stern
Publicado: Domingo, 20 Maio 2012 00:05
Acessos: 2083

Hb 6.4-6

David H. Stern

Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério.

4-6 Estes versículos têm sido utilizados a serviço da mais surpreendente variedade de posições teológicas. Os arminianos (assim chamados em função de seu suposto fundador, Jacobus Arminius (1560-1609)) os tomam como prova de que é possível para alguém que um dia se tornou crente cair da fé de maneira irremediável. Os calvinistas (em função de João Calvino (1509-1564)) os interpretam de um modo tal que faz com que isso seja uma impossibilidade na prática. A disputa entre eles colocou muita lenha na fogueira, entretanto o que quase sempre é deixado de lado é o propósito do autor, que não é o de tratar de uma forma abstrata da "segurança eterna do crente", porém, de maneira específica, da preocupação de seus leitores de que, a não ser que os sacrifícios levíticos exigidos pelos Cinco Livros de Moisés sejam oferecidos, seus pecados permanecerão sem perdão. Se eles de fato reiniciaram a prática dos sacrifícios por conta própria, não é possível comprovar pelas evidências apresentadas neste livro. No entanto, está claro que eles tinham uma fixação pelo sistema sacrificial, e se tornou tarefa do autor mostrar-lhes que a morte expiatória de Yeshua e sua elevação ao ofício de kohen gadol ocasionaram uma "mudança de Torá" (7.12) que altera o sistema sacrificial e o sacerdócio.

Aqui apresentamos uma revisão da argumentação do autor nestes versículos. Ele fala de **pessoas que foram**:

(1) **uma vez iluminadas**, de modo que sabem quem é Yeshua e o que ele fez;

(2) **provaram o dom celestial** do perdão de Deus;

(3) **tornaram-se participantes do Ruach HaKodesh**, o Espírito Santo que Deus só concede mediante seu Filho Yeshua (essa terminologia faz com que seja impossível que o autor esteja falando de pseudocrentes, porque apenas verdadeiros crentes se tornam participantes no Ruach HaKodesh);

(4) **experimentaram a bondade** (comparar com o Salmo 34.8) **da Palavra de Deus e**

(5) **provaram os poderes do 'olam-haba**, o que é uma terminologia interessante para os dons do Espírito Santo, conforme enumerados em 1Co 12.8-10.

Quando pessoas que experimentaram a salvação de uma forma profunda dessas **e caíram** da fé por não confiar na morte sacrificial e no ofício sumo sacerdotal do próprio Yeshua, mas no sacrifício de animais e no sistema dos kohanim que a Torá estabelece para administrá-los – então, **é impossível renová-las para que deem as costas ao pecado, enquanto para si mesmas continuam a executar o Filho de Deus na estaca**. A razão para isso é que eles ignoram o significado de sua morte na estaca, conforme se comprova por sua confiança no sacrifício de animais em vez de em seu sacrifício. Por isso elas estão **desonrando-o publicamente** por não glorificarem sua morte como sendo uma morte expiatória, porém vendo-a como não possuindo nenhum significado especial, de maneira que sua execução como um criminoso torna-se o fato dominante a seu respeito.

Tenho um débito para com Jerome Fleischer, um judeu messiânico que possui um ministério na região de São Francisco, Califórnia, por ressaltar para mim que o propósito do autor nestes versículos não era o de

fornecer combustível para a controvérsia calvinista-arminiana de 1500 anos atrás, mas o de redirecionar o foco de atenção de seus leitores do sacrifício de animais para a importância crucial do sacrifício final de Yeshua. Isso está claro a partir do contexto dos quatro capítulos seguintes, que tratam precisamente deste assunto e se constituem no coração da epístola.

Entretanto, é possível se fazer uma midrash sobre estes versículos que venha a tratar da controvérsia calvinista-arminiana. O calvinismo ensina a respeito da segurança eterna do crente. É possível se definir "crente" de forma tautológica, de uma maneira tal que o crente seja uma pessoa que jamais venha a cair. Contudo, desse modo ninguém poderia ter a certeza de ser "crente" até o fim de sua vida. Pois na prática é possível que alguém confie no Messias, tão plenamente quanto tem conhecimento para isso, por qualquer medida subjetiva ou objetiva de sua capacidade de confiar que se possa imaginar e que experimente de maneira subjetiva todos os benefícios da fé, e mesmo assim, em algum futuro momento, decair da fé. Caso isso aconteça, seria impossível, enquanto ele permanecer nesta condição, renová-lo mais uma vez de modo a que se volte de seu pecado. Por quê? Porque Deus já lhe deu tudo o que poderia dar, e ainda assim ele se recusa a aceitar sua condição de justo com Deus, juntamente com a responsabilidade implicada de viver uma vida santa. Nos vv. 7-8 essas dádivas boas de Deus são comparadas à chuva que faz uma boa safra crescer; entretanto se uma safra ruim surgir, na hora certa será queimada – um lembrete do destino dos ímpios no Dia do Juízo. O modo de o Novo Testamento lidar com a segurança do crente, no entanto, é diferente. Yochanan articula isso muito bem: "A maneira de estarmos certos de que o conhecemos é se obedecemos a seus mandamentos" (1Yn 2.3-6).

Alguns, insistindo a respeito da segurança eterna daqueles que confessam o Messias, entendem esta passagem como dizendo que os crentes carnais serão privadas de recompensas (1Co 3.8-15&N), ou de que eles passarão o período do milênio (Rv 20.2-7&N) em Trevas Exteriores (ver Mt 22.13-14&N) em vez de reinando com o Messias.

Fonte: Comentário Judaico do Novo Testamento, pp. 737-738